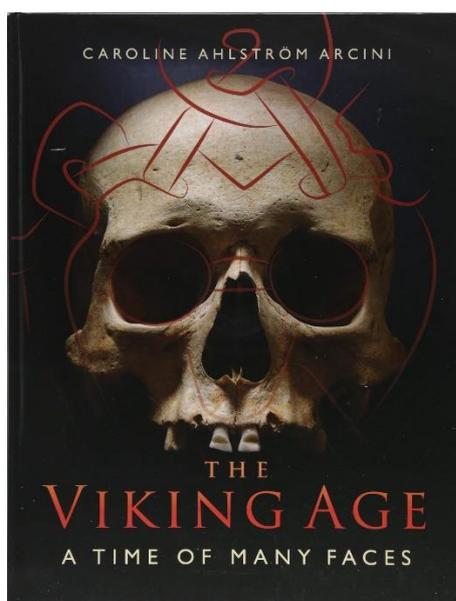


**OS OSSOS TAMBÉM FALAM: UMA ANÁLISE OSTEOLÓGICA DA
SOCIEDADE NA ERA VIKING**

THE BONES ALSO SPEAK: A OSTEOLOGIC ANALYSIS OF SOCIETY IN THE
VIKING AGE



ARCINI, Caroline Ahlström, et al. *The Viking age: a time of many faces*. United Kingdom: Oxbow Books, 2018.

*Monicy Araujo Silva*¹

Sem dúvida alguma a Era Viking é um dos períodos que mais inspira os pesquisadores quando se trata de Escandinávia. Baseando-se no imaginário criado sobre esse período, as descrições vão girar sempre em torno de mortes, violência, invasões, pilhagens, batalhas, assaltos, medo e estupro. De maneira geral, grande parte dos estudos da sociedade nesse período se baseia em fontes escritas e monumentos. Segundo os autores deste estudo, as pesquisas arqueológicas e osteológicas forneceram e continuam a fornecer outras

¹ Mestra em Ciências das Religiões pela UFPB e membro do NEVE. Email: monicyashi2011.1@gmail.com

perspectivas sobre a sociedade da Era Viking. Nesse sentido, o foco deste livro é entender a vida cotidiana das pessoas nesse período, 'ver' por meio dos esqueletos a história de vida de crianças e adultos e para isso, se pautam na análise dos ossos, objetivando assim, descrever a Era Viking por meio de um material que até agora não recebeu a atenção que merece. Para este estudo foram utilizados materiais de escavações do século XX e buscou-se principalmente sintetizar o que os esqueletos 'dizem' sobre as condições de vida das pessoas durante a Era Viking.

O livro é composto de sete capítulos, a saber: *The bare bones; Eight Viking Age burial grounds in south-east Sweden; Immigrants or locals?; Health and care for the frail; Markers of identity?; Burial grounds designated for particular purposes? e A time of many faces*. No primeiro capítulo, a autora faz uma discussão sobre a palavra 'Viking', debatendo sobre o que a palavra significa e delimita e expõe o objeto de pesquisa do livro. No segundo, expõe a distribuição geográfica dos assentamentos da Era Viking, os diferentes costumes funerários e a base para a distribuição por idade e sexo das sepulturas. No terceiro capítulo, a pesquisadora introduz o uso do estrôncio para estudar a mobilidade das pessoas durante o período, compara os costumes funerários dos locais e dos estrangeiros, buscando indicar quão integrados os últimos estão na sociedade e se mantinham alguns de seus costumes de enterramento e principalmente fornece novos conhecimentos, a nível geográfico, sobre o movimento de indivíduos durante a Era Viking. No quarto expõe as condições de vida e como os familiares e a comunidade cuidavam dos doentes e deficientes, a introdução da hanseníase na população e utiliza o estrôncio para investigar se a migração é uma provável razão para a propagação da doença.

O quinto capítulo é dedicado à decoração permanente feita nos dentes dos homens e discute se esse costume se inicia na Escandinávia e se dissemina ou se é um costume estrangeiro adotado pelos homens. O penúltimo capítulo traz uma discussão sobre as diferentes causas para as diferentes apresentações dos cemitérios, ou seja, sobre a distribuição sexual, a presença ou não de crianças, bebês e mulheres. O sétimo e último capítulo faz um resumo da importância da investigação sobre o conhecimento das condições de vida durante a Era Viking.

O livro, dentre outras coisas, busca e com sucesso desmistificar a imagem de uma Escandinávia homogênea com uma cultura única e um ‘povo Viking’ composto de homens altos e loiros com corpos tatuados e jovens escravas que seguiam seus mestres para a morte. A autora nos afasta da tradição de percebermos tudo de forma homogênea sem diferenças regionais, já que a Escandinávia consistia em pequenas áreas geográficas com nomes e tradições diferentes e sem fronteiras delimitadas, porém com mitologia² e língua (dos nórdicos antigos) iguais. Os corpos durante a Era Viking eram queimados numa pira (cremação) ou enterrados (inumação) e segundo a autora, as duas práticas ocorriam paralelamente dependendo do local, porém houve uma mudança cronológica acerca da preferência do tipo de tratamento dos corpos, por exemplo, no início da Era Viking há um domínio da cremação. O estudo feito nesse livro usa apenas as sepulturas de inumação (1800 covas) já que busca, como dito inicialmente, estudar as condições de vida e saúde no período.

Longe do que se pensa sobre os estrangeiros durante a Era Viking, nem todos eram apenas escravos, assim como nem todos estavam apenas de passagem. Como é explanado ao longo do livro, houve um significativo movimento de entrada e saída de estrangeiros na Escandinávia, o que significou trocas culturais, algumas passageiras e outras não. A análise dos esqueletos encontrados mostra que nem todos eram originalmente escandinavos, mas sim estrangeiros enterrados da mesma forma daqueles originários, indicando que os escandinavos não faziam diferenciação daqueles que vieram de fora. Os locais de sepultamento dizem muitos sobre o que sabemos sobre a vida e o pensamento das pessoas. Nos locais analisados no livro é percebido uma lenta desistência no costume de cremar os mortos, sobreposição de crenças cristãs às pagãs no que diz respeito à forma e orientação dos enterros e nessa mudança de religião, de acordo com a nova fé cristã, os mortos não precisavam mais ter comida ou pertences pessoais, como joias e armas, resultando em um enterro mais igualitário, ainda que os de melhor condição fossem enterrados perto das igrejas, por exemplo.

² Ainda que possuíssem uma mesma mitologia, ou seja, um mesmo panteão de deuses havia diferenças regionais quanto à forma e preferência de culto a determinado deuses. Para mais informações consultar o verbete **Religião** de autoria de Johnni Langer, no *Dicionário de História e Cultura da Era Viking*.

A autora aponta que durante a Era Viking houve vários costumes mortuários, com variações entre os diferentes locais de sepultamento, onde essas variações implicavam a construção interna e externa das sepulturas e o que as pessoas mortas recebiam para acompanhá-las na próxima vida. Dos locais estudados neste livro, Birka é o local de maior variação nas construções internas e externas e nos achados. No que diz respeito a esses vestígios, nos enterros não cristãos é que são encontrados presentes que indicam o alto status e riqueza. Nos locais de sepultamento em Birka e Gotland são encontradas armas nas sepulturas, fato que não ocorre em Skåne. Ainda segundo a autora, nos tempos cristãos a posição do corpo se torna mais uniforme, passa-se a enterrar os corpos de costa para o chão (em decúbito dorsal), posição não muito comum na Era Viking e todos com orientação oeste-leste, ou seja, cabeça para oeste e pés para o leste, entretanto, mesmo tendo determinada religião a posição do corpo podia variar, indicando permanência de algumas práticas.

Nos vários movimentos de saída houve conexões com outras culturas e religiões que acabaram influenciando a população escandinava. Arcini aponta que hoje se acredita que a razão da expansão e invasão nórdica seja a busca por riqueza, que poderia ser adquirida no exterior, mais do que a emigração como necessidade e que o crescimento populacional (tese mais antiga) só pode ser utilizado como justificativa para o impulso migratório, no oeste da Noruega. Os contatos comerciais começaram antes mesmo da época denominada Era Viking, e nesse período eles foram expandidos (nem sempre por meios pacíficos) e ainda segundo ela, a pirataria, descrita nas sagas, teria começado 100 anos antes dos ataques da Era Viking e mesmo que a imagem formada deles nesse período seja negativa, nem sempre eles eram mais brutais do que os grupos que atacaram.

Sem dúvida, o terceiro capítulo que trata dos movimentos migratórios é um dos mais interessantes da obra. Trata dos contatos comerciais e da permanência ou não de estrangeiros na Escandinávia e assim como os demais capítulos do livro, procura trazer uma nova imagem dos escandinavos durante a Era Viking, mas principalmente busca investigar por meio dos níveis de estrôncio nos esqueletos³, quem eram as pessoas que estavam enterradas

³ Ao medir a proporção de estrôncio no esmalte dos dentes permanentes, podemos dizer se um indivíduo mudou de uma área geográfica para outra, desde que as duas áreas sejam geologicamente

nos locais de sepultamento estudados neste livro, a partir disso responde à pergunta que nomeia este capítulo. Como explicitado pela autora, o tamanho da migração na Escandinávia é desconhecido, porém, podemos conhecer, em certa medida, quantas pessoas se mudaram para lá. Nas fontes escritas sabemos que algumas pessoas foram por vontade própria, outras por coerção; outros para ficar e outros para breves visitas. Às vezes essas visitas eram mais duradouras, pois o indivíduo morria e nesses casos o enterramento continha aspectos e objetos externos à Escandinávia.

Outro ponto importante do livro trata da saúde da sociedade no período. Segundo a autora, a conclusão que se pode tirar sobre as condições de vida e saúde na Era Viking é que elas eram razoavelmente boas, equivalentes às condições da Escandinávia no início do século XX. Dentre os parâmetros usados para conhecer as condições de saúde (longevidade média, mortalidade infantil e estatura) ela observa a estatura dos indivíduos para chegar a essa conclusão. Ela aponta que entre os homens a variação chegava a 40 cm, os mais baixos teriam 1,54 cm e os mais altos 1,93 cm (ainda que alguns chegassem a 2 m), tendo assim a média de 1,72 cm de altura entre os homens. Entre as mulheres a variação era de 30 cm, as mais baixas tinham 1,54 cm e as mais altas 1,75 cm, tendo a média de 1,60 cm para elas. Ainda que a altura seja um fator hereditário, mas as condições de vida, as circunstâncias da mãe durante a gravidez e as condições da própria criança também são fatores significantes para determinar a estatura.

Neste estudo, ela destaca ainda três indivíduos que sofreram de nanismo (dois homens e uma mulher). Essa condição foi vista desde o nascimento, mas isso não impediu que chegassem à idade adulta significando que foram tratados e não rejeitados, mostrando que as pessoas na Era Viking eram inclusivas e não o inverso. Além disso, eles foram enterrados da mesma maneira que todos os outros indivíduos no cemitério e também não há diferença na construção da sepultura, na posição do corpo ou nos objetos com os quais foram enterrados (no túmulo de um dos homens havia um pente duplo feito de chifre de alce). Além do nanismo a autora destaca ainda outras doenças detectadas nos ossos, como por exemplo, a hanseníase.

diferentes. O método permite principalmente, na melhor das hipóteses, tirar conclusões sobre quais pessoas cresceram em um lugar e quais se mudaram para lá (ARCINI et al., 2018, p. 40-41).

Esse livro mostra que a ampla gama de costumes mortuários reflete os diferentes grupos da sociedade. Na Era Viking foram observadas várias mudanças, novos costumes se misturando aos antigos, como a prática de cremar os mortos sendo abandonada e a inumação sendo introduzida e a forma de dispor o corpo nas sepulturas. A autora nos atenta ao fato de durante muito tempo os costumes funerários pagãos e cristãos existirem lado a lado, significando que as pessoas enterravam os seus de acordo com as crenças que acreditavam. As diferentes práticas não se devem somente às diferenças religiosas, mas também a grande mobilidade de pessoas existente na Era Viking, algumas iam de áreas próximas e outras de áreas mais distantes, conservando seus costumes originais.

No que diz respeito à sociedade durante este período, as fontes escritas desenvolvem uma imagem diferente das arqueológicas e os estudos osteológicos, por sua vez, uma perspectiva alternativa. As descobertas feitas nas sepulturas demonstraram contatos com pessoas de lugares distantes. O tipo de estudo proposto pela autora contribui não apenas para o conhecimento sobre a maioria da população ou sobre os que não foram enterrados nas melhores sepulturas, como também o tipo de vida nesta época. Além dessas contribuições, o livro traz um novo elemento que se mostra relevante para termos dimensão das migrações: a análise de estrôncio. Essas análises de estrôncio dão uma visão da extensão da mobilidade que existia e de certa maneira podemos ver a relação que os escandinavos tinham com as pessoas de fora, nesse sentido este estudo traz novas visões sobre as relações no período e ajuda a consolidar a imagem de uma Escandinávia heterogênea, onde as relações não eram apenas violentas ou de saques, mas também pacíficas, comerciais e em muitas dessas idas e vindas, muitos ficaram e deixaram suas marcas culturais também.

Referências Bibliográficas

- ARCINI, Caroline Ahlström, et al. *The Viking age: a time of many faces*. United Kingdom: Oxbow Books, 2018.
- LANGER, Johnni. Religião. In: LANGER, Johnni (org.). *Dicionário de História e Cultura da Era Viking*. São Paulo: Hedra, 2017. p. 591-601.